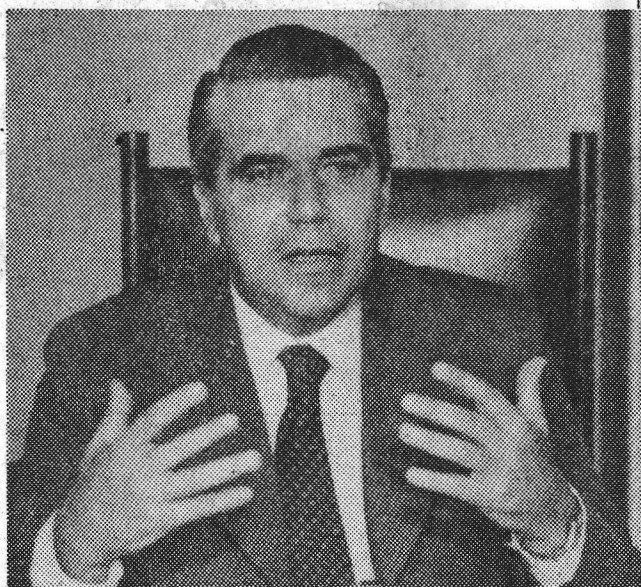




Cláudio Bardella



Roberto Cayubi Vidigal



Laerte Setúbal Filho



Antônio Ermírio de Moraes

# Reaquecimento econômico cede lugar a novo ciclo recessivo

Milton F. da Rocha Filho e Antônio Salvador Silva

**São Paulo** — O Brasil vive hoje o segundo ciclo da recessão econômica iniciada em 1981, e sinais de reaquecimento apresentados no período entre março e junho deste ano não tiveram a sustentação necessária. A opinião é de empresários de vários setores, entre eles Antônio Ermírio de Moraes (Grupo Votorantim), Cláudio Bardella (vice-presidente da FIESP), Laerte Setúbal Filho (Grupo Duratex), Roberto Cayubi Vidigal (Confab Industrial) e Silvio Luis Bresser Pereira (diretor do Grupo Pão-de-Açúcar).

O desempenho da indústria continua tímido e sem perspectivas de recuperação a curto prazo; o nível de emprego voltou a cair, segundo o Departamento de Estatísticas da FIESP, que semanalmente realiza um levantamento em empresas do Estado; a ociosidade permanece alta nas indústrias automobilísticas (por isso os reajustes mensais de preços continuarão a ser praticados, segundo o presidente da Ford do Brasil, Robert Gerrit, mas abaixo da inflação, chegando a 40%).

A recuperação no setor de autopeças, com a readmissão de 30 mil trabalhadores dos 80 mil dispensados em 1981, foi maior porque o consumidor, conservando seu veículo mais anos sem troca por um novo, é obrigado a um cuidado maior, o que forçou maior venda de peças de reposição, conforme dados do Sindicato Nacional da Indústria de Autopeças — Sindipeças.

## Quadro recessivo

O empresário Antônio Ermírio de Moraes define o atual quadro da economia brasileira como "um verdadeiro inferno para as empresas que não estão agüentando a inflação de quase 100%". Ele exemplificou com a área de cimento do Grupo Votorantim, onde ficou decidido que não serão realizadas novas ampliações, mas apenas a substituição de caldeiras de óleo combustível por outros tipos de energia.

— É uma racionalização dos nossos custos operacionais, pois não acreditamos em recuperação da economia a curto e médio prazos. A situação está ficando cada vez mais difícil com o aperto da liquidez no mercado financeiro. Nossa principal matéria-prima — o dinheiro — está sumida do mercado — explicou.

Acrescentou que o empréstimo realizado pela Votorantim à amplia-

ção da fábrica de alumínio — a CBA, em Sorocaba — que não poderia ser paralisada, está representando um dispêndio mensal de Cr\$ 300 milhões só em juros. Em agosto o Grupo Votorantim faturou Cr\$ 30 bilhões, "mas em razão do salto da inflação e não como reflexo de um crescimento real".

O setor de máquinas e ferramentas, através de um dos seus maiores fabricantes, a Romi, de Santa Bárbara do Oeste, está tentando liquidar "a preços quase de custo", segundo Giordano Romi, seu presidente, vários tornos mecânicos ou outros tipos de máquinas-ferramenta. A Romi está com uma ociosidade de 60% em suas fábricas.

O vice-presidente da Confab Industrial, Roberto Cayubi Vidigal, repetiu que hoje existem vários "ninhos de pombas" em sua fábrica de tubos, em Pindamonhangaba, praticamente parada.

## Comportamento dispare

Diz o empresário Laerte Setúbal Filho que "a recessão econômica, que está se agravando, no Brasil apresenta comportamentos dispare, podendo atingir um setor da empresa e beneficiar outros". Como exemplo, citou:

— Tenho no Grupo Duratex um indicativo desse comportamento, pois em agosto o setor de peças metálicas para sanitários apresentou uma alta comercialização, ao contrário do de louças sanitárias. Assim, acabamos com um faturamento razoável de Cr\$ 4 bilhões em agosto. A recessão, às vezes, ataca um setor e beneficia outro, e para isto o empresário deve estar sempre atento.

Firmino Rocha de Freitas, presidente da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica — Abinee, não vê perspectivas de recuperação da economia e considera que o seu setor deverá, no máximo, alcançar o comportamento registrado no ano passado.

— A situação está ruim e as alternativas são poucas — destacou.

Eugênio Staub, presidente do Grupo Gradiente, concorda que o segundo ciclo da recessão começou, com a queda nas vendas de bens duráveis.

O presidente da FIESP, Luís Eulálio de Bueno Vidigal Filho, não acredita num crescimento positivo para a indústria este ano, e considera que, "com muito esforço, deveremos zerar a queda do ano passado, que foi de 8,8%".

Os dados da FIESP indicam que a indústria está apresentando uma queda de 7,9% (comparação do período de julho de 80 a junho de 81 com julho de 81 a junho de 1982). Para que a indústria consiga chegar a zero, terá de crescer 2% ao mês até o final do ano, o que a maioria dos empresários acha totalmente impossível, segundo Luís Eulálio.

## Sem horizonte azul

Silvio Luis Bresser Pereira, diretor do Grupo Pão de Açúcar, a maior cadeia de supermercados do país, não vê "um horizonte azul" para a economia, mas acredita que a inflação deverá continuar baixando e prevê um índice inferior ao de agosto (5,8%) para este mês.

Observa que o quadro econômico poderá agravar-se com a perspectiva de aumentos de preços de vários produtos, principalmente de higiene e limpeza, para este mês.

— Esse setor quer um aumento de 20% em setembro, mas a Secretaria Especial de Abastecimento e Preços — SEAP — já negou sua prática. O aumento deverá ser parcelado em duas ou três vezes — adiantou.

Cláudio Bardella, presidente do Grupo Bardella e vice-presidente da FIESP, também é de opinião que o Brasil, desde 1981, nunca saiu inteiramente da recessão, mas apenas alcançou pequenas melhorias em alguns setores industriais.

Waldyr Gianetti, presidente da Associação Brasileira para o Desenvolvimento da Indústria de Base — ABDIB — admitiu que as dispensas de trabalhadores no setor deverão ser aceleradas a partir deste mês, em razão da falta de encomendas. Até o momento, a redução da mão-de-obra no setor de bens de capital atingiu mais de 15 mil trabalhadores, segundo levantamento da ABDIB.

## Comércio sem recuperação

O faturamento real do comércio paulista em julho foi 0,83% menor do que o verificado em igual mês do ano anterior, mas ainda assim 3,33% maior do que o resultado de acumulado com que as vendas acumuladas dos primeiros sete meses do ano fossem 1,49% maiores do que em idêntico período de 1981.

— Mesmo assim o comércio está longe de encontrar o caminho da recuperação — afirmou Abram Szajman, presidente em exercício da Federação e Centro do Comércio do Estado.